

A herança de Ponciá¹

Francina Evaristo de Sousa

Resumo

Este pequeno escrito resulta da encruzilhada entre o percurso iniciado em um cartel sobre o Nome-do-Pai e meus estudos e trabalho junto à Comissão de Relações Étnico-raciais, Diversidade e Equidade da Federação dos Fóruns do Campo Laciano (EPFCL-Brasil).² Traz ainda ecos, é efeito de momento anterior, aquele no qual, mais uma vez no contexto de um cartel, vivenciei importante encontro: com a psicanalista Neuza Santos Souza e seu *Tornar-se negro* (Souza, 2021), ausente nas citações, presente em todo o texto. Foi nessa encruzilhada que me encontrei com a bonita moça, Ponciá Vicêncio, criação literária da escritora mineira Conceição Evaristo. O presente escrito, produto de cartéis, procura contar algo de sua peculiar herança.

Palavras-chave:

Psicanálise; Conceição Evaristo; Ponciá Vicêncio;
Herança simbólica; Psicanálise e literatura; Nome-do-pai.

The Ponciá heritage

Abstract

This small paper is the result of the crossroads between a journey begun in a cartel about the Name-of-the-Father, and my studies and work with the Committee on Ethnic-racial Relations, Diversity and Equity of the Federation of Forums of the Lacanian Field (EPFCL-Brazil). It still brings echoes, it is an effect of a previous moment, in which once again in the context of a cartel, I experienced an important encounter: with the psychoanalyst Neuza Santos Souza and her *Tornar-se negro* (Souza, 2021) notion, an inspiration presented throughout the whole text despite not always cited. It was at this intersection that I met the beautiful girl, Ponciá Vicêncio, a literary creation of the Brazilian writer Conceição Evaristo, from Minas Gerais. Product of cartels, the present writing aims to tell something of its peculiar heritage.

Keywords:

Psychoanalysis; Conceição Evaristo; Ponciá Vicêncio;
Symbolic heritage; Psychoanalysis and literature; Name-of-the-father.

¹ Em parte, este texto foi originalmente apresentado em comunicação oral na III Jornada de Cartéis do Fórum do Campo Laciano de Mato Grosso do Sul, em 19 de novembro de 2022.

² Gestão 2021-2022.

El legado de Ponciá

Resumen

Este pequeño escrito es el resultado de la encrucijada entre el camino iniciado en un cartel sobre el Nombre-del-Padre y mis estudios y trabajos con la Comisión de Relaciones Étnico-raciales, Diversidad y Equidad de la Federación de Foros del Lacaniano Campo (EPFCL-Brasil). Todavía trae ecos, es efecto de un momento anterior, aquel en el que, nuevamente en el contexto de un cartel, viví un encuentro importante: con la psicoanalista Neuza Santos Souza y su *Tornar-se negro* (Souza, 2021), inspiración presente en todo el texto, aunque no siempre se cita directamente. Fue en esa encrucijada que conocí a la hermosa niña Ponciá Vicêncio, creación literaria de la escritora de Minas Gerais Conceição Evaristo. El presente escrito, producto de carteles, busca contar algo de su peculiar herencia.

Palabras clave:

Psicoanálisis; Conceição Evaristo; Ponciá Vicêncio;
Herencia simbólica; Psicoanálisis y literatura; Nombre-del-padre.

L'héritage de Ponciá

Résumé

Ce petit écrit est le fruit de la croisée des chemins entre le cheminement commencé dans un cartel sur le Nom-du-Père et mes études et mon travail à la Commission Relations Ethnico-raciales, Diversité et Équité de la Fédération des Forums des Lacaniens Field (EPFCL-Brésil). Ça fait encore écho, c'est un effet d'un moment antérieur, celui où, encore une fois dans le cadre d'un cartel, j'ai vécu une rencontre importante: avec la psychanalyste Neuza Santos Souza et son *Tornar-se negro* (Souza, 2021), inspiration présente dans tout le texte, bien qu'elle ne soit pas toujours citée directement. C'est à ce carrefour que j'ai rencontré la belle fille, Ponciá Vicêncio, création littéraire de l'écrivain de Minas Gerais Conceição Evaristo. L'écriture actuelle, issue des cartels, cherche à raconter quelque chose de son héritage particulier.

Mots-clés :

Psychanalyse ; Conceição Evaristo ; Ponciá Vicêncio ;
Héritage symbolique ; Psychanalyse et littérature ; Nom-du-père.

A assertiva freudiana de que o artista antecede o psicanalista é amplamente difundida entre aqueles que seguem seu legado, incluindo-se Jacques Lacan. Em sua “Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein”, Lacan escreve que:

(...) a única vantagem que um psicanalista tem o direito de tirar de sua posição é a de se lembrar com Freud que em sua matéria o artista sempre o precede, portanto, ele não tem que bancar o psicólogo quando o artista lhe desbrava o caminho. (Lacan, 2003, p. 198)

A intenção deste escrito é extrair algo de valor psicanalítico a partir de uma obra-prima da literatura. De início, deixemos que a própria autora verse sobre sua criação, *Ponciá Vicêncio* (2017), e aquilo que a obra transmite:

(...) a literatura, ela tem o poder de comover, ela tem um poder justamente de sensibilizar ao leitor ou leitora, muito mais que um texto histórico, porque o texto histórico, por mais informações que ele traga, ele é um texto objetivo, não é um texto que foi feito ou que cumpra o papel de sensibilizar o leitor. A literatura, pelo contrário, a literatura busca justamente sensibilizar a pessoa que está lendo. *Então Ponciá Vicêncio, através dos seus relatos, ela sensibiliza, ela informa mais talvez do que um texto histórico. (...) Esse livro, ele pode ensinar vários elementos ou levar à reflexão da própria condição de brasileiros descendentes de africanos, leva também a uma compreensão da responsabilidade que a nação tem com esse povo que ajudou a construir o Brasil.*³ (Evaristo, 2020, grifo nosso)

Ponciá Vicêncio desvela, com sua prosa poética, algo que nós, brasileiros, insistimos em encobrir e recalcar: nossa paixão por ignorar o racismo. O racismo contra os povos negros e indígenas, que está nos alicerces de nossa nação, transmitido através das gerações, nas palavras, nos ditos, não ditos e no gozo que implica fazer do outro um instrumento de abuso, objeto, abjeto. Nossa herança escravocrata, raiz de um racismo inconsciente que nos tece, sociedade brasileira. O conceito de ideologia em Marx⁴ nos ajuda a sustentar o racismo incons-

3 Transcrição de um trecho da fala de Evaristo. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=lt-JG6HzD3M>

4 “Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes; em outras palavras, a classe que é o poder *material* dominante numa determinada sociedade é também o poder *espiritual* dominante. A classe que dispõe dos meios da produção material dispõe também dos meios da produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles aos quais são negados os meios de produção intelectual está submetido também à classe dominante. (...) suas ideias são portanto as ideias dominantes de sua época” (Marx & Engels, 1998, pp. 48-49).

ciente em nós, brasileiros; assenta-se no fato de que a ideologia dominante no Brasil é escravocrata, racista. Como nos indivíduos, a infância e seus elementos recalcados desse, que foi o último país do Ocidente a abolir a escravidão, insistem e persistem.

A infância deixa marcas que perduram no tempo, sabemos disso com a clínica. O passado se eterniza no presente, moldando um suposto futuro, isto é, na ficção que “artificia a verdade do sujeito, o presente se anuncia, atropelado por um futuro suposto, formatado por um passado hipotético que nunca foi” (Fingermann, 2009, p. 60). Se considerarmos a infância do Brasil, veremos que é o suor, o sangue, a violência contra negros e indígenas que imperam em seu princípio. Há uma ilustrativa passagem na obra *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freire, sobre tal infância:

(...) um senhor de engenho mais ansioso da perpetuidade não se conteve: mandou matar dois escravos e enterrá-los nos alicerces da casa. O suor e às vezes o sangue dos negros foi o óleo que, mais do que o de baleia, ajudou a dar aos alicerces das casas-grandes sua consistência quase de fortaleza. (Freire, 1999, p. 19)

Uma sociedade de senhores brancos e escravos negros consolida o princípio desse grandioso país. O social está moebianamente ligado ao individual, aprendemos com Freud (2011) na *Psicologia das massas e análise do eu*. Que consequências temos, portanto?

Entretanto, lembremo-nos: *Ponciá Vicêncio* é obra universal. A personagem que dá título ao livro nos conta algo que está no âmago de nossa constituição como sujeitos falantes: a solidão. Afinal, “a relação sexual não existe”, conforme aprendemos com Lacan (1960-1961/2010, p. 72), ainda que haja, felizmente, a ralação entre os corpos, como nos ensina Antonio Quinet. Nas palavras de Conceição Evaristo:

(...) o texto traz uma outra condição, que eu acho que é essa condição que tem feito esse livro sensibilizar tanto as pessoas (...), porque, mais que um relato centrado na vida de uma mulher descendente de africanos, o livro traz um dado que é comum a todo ser humano: Ponciá Vicêncio é uma personagem extremamente só. Acho que a solidão de Ponciá Vicêncio acaba tocando, acaba comovendo e acaba levando a cada pessoa que a lê a lidar e reconhecer a sua própria solidão (...). Eu tenho pensado que a solidão de Ponciá é a solidão do ser humano.⁵ (Evaristo, 2020)

5 Transcrição de um trecho da fala de Evaristo. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=lt-JG6HzD3M>

A solidão, estrutural, é efeito do encontro da carne humana com a linguagem, a entrada do animal homem no campo do Outro, entrada na qual ele é obrigado a deixar algo para trás, objeto perdido, jamais reencontrado.

Mas, antes de prosseguir, atenhamo-nos a uma palavrinha sobre a autora, Conceição Evaristo: mineira, nascida em Belo Horizonte, é romancista, poeta e contista, professora aposentada. Ganhou o prêmio Jabuti em 2015 na categoria “Contos” com o livro *Olhos d’água*, e em 2019 foi homenageada por esse mesmo prêmio como *Personalidade literária do ano*. É inventora de um conceito lindo, que define sua escrita: *escrevivência*, uma escrita que transmite as vivências e marcas das mulheres negras. Essa é minha interpretação a partir do que pesquisei em Evaristo, que declarou em diversas oportunidades: “a nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar aos da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (Evaristo, 2007, p. 21). A autora ainda emite valioso conselho: “Não leiam só minha biografia. Leiam meus textos” (Guimarães, 2018).

Vamos ao texto. *Ponciá Vicêncio* situa uma época de sua vida em que “o mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome e para mencioná-las se precisava apontar com o dedo” (Márquez, 1995, p. 7). Em sua infância, Ponciá foi uma criança feliz, mas já portava uma espécie de maldição. Em sua infância: “naquela época gostava de ser menina. Gostava de ser ela própria. Gostava de tudo. Gostava” (Evaristo, 2017, p. 13).

Uma primeira tragédia abala seu paraíso infantil. Ponciá tinha o costume de brincar na plantação de milho. Cada espiga era, para ela, uma boneca dançante. Que menina rica, ela tinha uma plantação de bonecas, cada espiga de milho no pé era, para ela, uma boneca! “Um dia, nessa brincadeira, ela viu uma mulher alta, muito alta que chegava até o céu. (...) Quando contou sobre a mulher alta e transparente, a mãe não lhe deu atenção, mas Ponciá notou que ela se assustou um pouco” (Evaristo, 2017, p. 14). E o que a mãe de Ponciá faz: pede a seu marido, o pai de Ponciá, que derrube o milharal para assim espantar a assombração. O que Ponciá encontra no dia seguinte são, cito Evaristo, “as bonecas mortas pelo chão (...). Tudo era um só vazio. Ponciá chorou” (Evaristo, 2017, p. 14). Com receio da assombração, o que faz a mãe de Ponciá Vicêncio é alimentar o fantasma dessa.

O vazio, isso será algo que retorna e acompanha Ponciá em sua vida adulta. Se, por um lado, ela aprende com sua mãe a dar forma ao vazio — as duas são ceramistas, e Ponciá, mais que a mãe, é verdadeira artista do barro —, adiante, nossa heroína, já adulta, longe de sua arte e dos seus, lê-se assim: “Ponciá havia tecido uma rede de sonhos e agora via um por um dos fios dessa rede destecer e tudo se tornar um grande buraco, um grande vazio” (Evaristo, 2017, p. 24). A nostalgia entra em cartaz:

(...) nos tempos de roça de Ponciá, nos tempos de casa de pau a pique, de chão de barro batido, de bonecas de espigas de milho, de arco-íris feito cobra-coral bebendo água no rio, a menina gostava de ser mulher, era feliz. (Evaristo, 2017, p. 24)

Sobre a nostalgia, Lacan escreve:

Ela [a nostalgia] marca a redescoberta do signo de uma repetição impossível, já que, precisamente, esse não é o mesmo objeto, não poderia sê-lo. A primazia dessa dialética coloca, no centro da relação sujeito-objeto, uma tensão fundamental, que faz com o que é procurado não seja procurado da mesma forma que o que será encontrado. (Lacan, 1995, p. 13)

A obra inicia mostrando o quanto Ponciá gostava de contemplar o céu. E apresenta o Angorô, por nós conhecido como arco-íris, visto no máximo talvez como símbolo da eterna aliança entre Deus e os homens, conforme a mitologia cristã. Entretanto, na mitologia bantu, o arco-íris é a entidade (inquire) que traz a chuva e, com isso, a fertilidade do solo. É também uma serpente que liga o céu à terra e, ainda, uma entidade andrógina. Talvez por isso seja tão popular o mito de que, ao passar por debaixo dele, a pessoa poderia trocar de sexo. Ponciá devaneia, receia o arco-íris, toca o próprio sexo, para verificar se continua menina, medo de transformar-se em menino por efeito do Angorô. Sou menina ou sou menino, seria essa sua questão? Bem, Ponciá não é um caso clínico, e, sim, personagem literária, mas nos provoca a arriscar hipóteses. A obra inicia e finda sob o céu do Angorô, tem esse caráter cíclico, a narrativa vai e volta no tempo.

É uma história carregada de tristeza. No entanto, com suas palavras mágicas, doces em poesia ou, dito de outro modo, de uma “brutalidade poética”,⁶ como nos diz a própria autora, Conceição Evaristo nos pega pela mão e de certo modo nos embala, sem fazer dormir, ao nos contar a dor de uma mulher que metaforiza a dor que tem sido herança de um povo. Povo esse que não se priva da alegria, da invenção, do trabalho, do amor e da criatividade, é bom pontuar. A alegria como motor do desejo pela vida, esse também transmitido geração após geração. “O morro vai sambar”,⁷ canta Russo Passapusso. A figura do avô de Ponciá Vicêncio é paradigmática nesse sentido, o homem que ri-chora, chora-rindo, “os choros misturados aos risos” (Evaristo, 2017, p. 15).

Ponciá, ela vivia na roça, com os pais e um irmão, em terras alheias, propriedade da família Vicêncio. Ora pois, Vicêncio, então, não seriam eles, a família de

6 Evaristo propõe essa expressão em sua fala em uma entrevista disponibilizada pela *Revista Bravo!* no YouTube. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=J3eUi1ffrQI>

7 Referência à canção *Sangue do Brasil*, de autoria de Russo Passapusso.

Ponciá, os proprietários dessa terra? Vamos dar um pulo no passado. Ao desembarcar no Brasil após tenebrosa travessia atlântica nos porões dos navios negreiros, os sujeitos trazidos de África foram expropriados não apenas de sua liberdade. Chegando aqui, nada de falar a própria língua, é proibido na casa-grande. Nada de cultivar seus deuses, eles deveriam reverenciar o Deus branco, dos cristãos, aquela gente “de bem”, chegada em um chicote. Tudo que o sujeito entendia, até sua captura, como mundo, e como seu lugar no mundo, seria a ele negado. Nome e sobrenome perdidos, apagados por um nome português e pelo sobrenome do senhor de engenho. Quer dizer, houve aí, do ponto de vista simbólico, uma importante dessubjetivação como passo para a objetualização, e, entrando no campo do real, a abjetualização dos pretos escravizados.⁸ Ponciá Vicêncio, portanto, assim como todos os habitantes da Vila Vicêncio, herdou o sobrenome do senhor que escravizara seus antepassados. Isso não é sem consequências.

A obra *Ponciá Vicêncio* reflete a realidade de herdeiros diretos de uma liberdade que não garantiu direitos. Os escravizados foram libertos com uma mão na frente e outra atrás, quem recebeu algum tipo de indenização do Estado foram os senhores proprietários dos escravizados. Donos apenas de seus corpos, sem ter para onde ir, muitos permaneceram e permanecem nas fazendas, ligados à terra, cativos, trabalhando a troco de um pedaço de chão para roçar e uma casa de barro para morar, em permanente dívida com o proprietário:⁹

Os pais, os avós, os bisavós sempre trabalhando nas terras dos senhores. A cana, o café, toda a lavoura, o gado, as terras, tudo tinha dono, os brancos. Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida. (Evaristo, 2017, p. 70)

Em psicanálise, o pai não se confunde com a figura de carne e osso que engendrou o filho; trata-se, antes, de uma função. Entretanto, na falação de seus pacientes, o analista está sempre muito atento ao que se traz a respeito das figuras parentais, falas que apontam para como o sujeito se posiciona diante do que interpreta do desejo da mãe metaforizado pelo significante Nome-do-pai, se estamos no campo da neurose.

Em seu texto de 1909, *Romances familiares*, Freud (1909/1976) nos mostra que o teatro edípico de cada sujeito segue as linhas de um romance inventado para si mesmo, no qual o sujeito cria histórias sobre sua família e, a partir dessa versão imaginária do mito que o funda, constrói um lugar para si na partilha familiar.

8 Referência à fala de Antonio Quinet na I Jornada Interfóruns Mato Grosso do Sul e Brasília, ocorrida em outubro de 2021. Recuperado de <https://youtu.be/ltctzEkyIts>

9 Pode-se encontrar a mesma realidade refletida na obra, vencedora do prêmio Jabuti, *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior.

Na palavras de Vera Pollo e Maria Luiza Rodrigues: “A criança cria uma versão imaginária de seus pais e de suas relações com eles e entre si, construindo um lugar para ela própria nessa família sob a forma de uma ficção, um autêntico mito individual que responde por aquilo que Lacan chamou de enigma do Desejo do Outro” (Pollo & Sant’Ana, 2022, p. 83).

Fenomenologicamente, a Ponciá parece faltar o significante do Nome-do-pai. O vazio, suas crises de ausência, um posicionamento melancólico diante da vida apontam para a falta daquilo que faria ponto de basta à cadeia significante. Ponciá parece deslizar no infinito até cair no vazio. Entretanto, sua posição no mundo parece responder ao lugar que lhe foi destinado pelo discurso familiar, lugar materializado por um dito de seu pai que pode ser traduzido da seguinte maneira: “ficarás louca como seu avô”. Seria esse o tema do mito individual de Ponciá? Segundo Pollo e Sant’Ana (2022), não se pode dizer toda a verdade; trata-se, antes, de um “meio dizer”, já que “a fala não pode apreender a si própria nem apreender o movimento de acesso à verdade como uma verdade objetiva” (Lacan citado por Pollo & Sant’Ana, 2022).

A verdade só pode ser dita por meio do mito que a singulariza, e Lacan conclui que cada sujeito constrói seu mito individual em um trabalho de ressignificação de suas experiências infantis, e da não existência da relação sexual, produzindo uma versão singular do gozo, que se apoia na existência de uma exceção. Ainda com Vera Pollo e Maria Luiza Rodrigues:

Na visão de Freud, assim como nas elaborações posteriores de Lacan, o Édipo representaria a leitura particular de uma estrutura universal, a qual seria determinada pelas identificações de cada sujeito, ainda na primeira infância, com os ditos dos Outros primordiais de sua própria história. (Pollo & Sant’Ana, 2022, p. 83)

Penso que podemos dizer que o pai de carne e osso de Ponciá ocupa importante papel, ao vaticinar o destino no qual Ponciá vai alienar-se. É aí que entra sua herança, herança simbólica, que a situa em um lugar simbólico, em um discurso familiar. E o gozo está implicado nisso, “o resto que escapa à simbolização se transmite de geração a geração participando da herança legada (...), transmitem-se através de resíduos”, o que se articula com o real da transmissão no seio familiar (Machado, 2008, p. 55).

Ponciá Vicêncio, aquela que com o barro cria em torno do nada, do vazio, foi criança que se colocou de pé pela primeira vez à imagem e semelhança de seu avô, seu espelho. Criança, não engatinha, e, sim, escorrega do colo da mãe e sai andando, com uma das mãozinhas fechadas, imitando o cotoco do avô. Na obra está escrito assim: “O primeiro homem que Ponciá Vicêncio conheceu fora o avô. Guardava mais a imagem dele, do que a do próprio pai (...). O pouco tempo que conviveu com

o avô, bastou para que ela guardasse as marcas dele” (Evaristo, 2017, p. 15). E do pai, o que Ponciá Vicêncio escutou certa vez, pequeninha, é que “o Vô Vicêncio deixava uma herança para a menina” (Evaristo, 2017, p. 15). Que herança?

Para começar, o nome, como apontado anteriormente. Vô Vicêncio. Mas quem foi Vicêncio senão o dono de terras, o fazendeiro de quem o vô de Ponciá fora propriedade? Os escravizados perderam seu nome e sobrenome, esse que a gente transmite para as próximas gerações. Que consequências esse apagamento tem?

Ponciá Vicêncio sabia que o sobrenome dela tinha vindo desde antes do avô de seu avô (...). O pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio. Na assinatura dela a reminiscência do poderio do senhor, um tal coronel Vicêncio. O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens. (Evaristo, 2017, p. 27)

Diante da dureza da vida, o vô de Ponciá sucumbira ao “ato de coragem-covardia” (Evaristo, 2017, p. 71), em um gesto brutal, que se estenderia no tempo, a ponto de alcançar a neta Ponciá, que tem seu destino atrelado ao avô, que, após assassinar a esposa, mãe do pai de Ponciá, despede-se da realidade e passa a viver em um reiterado sorrir-chorar.

As histórias de nossos antepassados, o modo como elas são contadas e como o sujeito figura nessas histórias familiares, isso o afeta, os significantes afetam. Claro que há a responsabilidade do sujeito no que diz respeito ao modo como vai posicionar-se diante daquilo com que ele vai se identificar ou não, há uma contingência aí. No caso de Ponciá, o avô foi o homem modelo, homem espelho; ela se bota de pé e se faz à imagem e semelhança dele. Só que as imagens carregam histórias, destinos, significantes. É sob o olhar do Outro e sob o comando de sua voz que o sujeito se vê no espelho e interpreta os ditos que desse Outro recebe. O pai de Ponciá, ao ver o próprio pai espelhado, como que encarnado em sua filha, desfere a sentença: Ponciá é a herdeira do avô. Herdeira de quê?

O pai de Ponciá, filho de ex-escravizados, nem por isso tivera uma vida muito diferente da de seus pais. Foi pajem do sinhô-moço, e sua obrigação era ser seu brinquedo e objeto de brincadeiras cruéis. Filho de ex-escravizados, cresceu como um:

Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina do outro caía escorrendo quente por sua goela e pelo canto de sua boca. Sinhô-moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto da urina ou se o sabor de suas lágrimas. Naquela noite teve mais ódio ainda do pai. Se eram livres por que continuavam ali? Por que, então, tantos e tantas negras na senzala? (Evaristo, 2017, p. 17)

Os pais libertos, porém cativos da terra; “(...) havia ali um pulso de ferro a segurar o tempo. Uma soberana mão que eternizava uma condição antiga” (Evaristo, 2017, p. 42). Ele odeia o vô Vicêncio, seu pai, porque esse, em um “ato de coragem-covardia”, matou sua mãe e tentou se matar, no entanto conseguiu apenas cortar a própria mão, foi impedido. Essa é a tragédia cujo roteiro tece o fio do destino de Ponciá Vicêncio. Ponciá imitou a imagem do avô. E o que seu pai dessa imagem falou lhe marcou: é tua a herança de vovô. Porque a palavra do pai de Ponciá tornou-se a palavra familiar: todos consideravam que, cedo ou tarde, a herança do vô Vicêncio chegaria para Ponciá.

Aos 19 anos, Ponciá sai de casa, vai para a cidade, “trazia a esperança como bilhete de passagem” (Evaristo, 2017, p. 32). Anos depois, esperanças despedaçadas, ela se questiona: “Seria isto a vida, meu Deus? (...) estava cansada, fraca para viver, mas coragem para morrer também não tinha ainda” (Evaristo, 2017, pp. 29-30). Ela não vive, sobrevive. Ela, Ponciá, que teve infância tão feliz, mas que, nas palavras da autora, “desde menina, era o gesto repetitivo do avô no tempo” (Evaristo, 2017, p. 54).

Saiu de casa, foi para a cidade, porque não queria “ficar ali repetindo a história dos seus” (Evaristo, 2017, p. 34), mas, assim como Édipo, ao fugir de seu destino, programado pela fantasia inconsciente, corre ao encontro dele. Cheia de esperanças, acreditando haver saída: “trabalharia, juntaria dinheiro, compraria uma casinha e voltaria para buscar sua mãe e seu irmão. A vida lhe parecia possível e fácil” (Evaristo, 2017, p. 39). Porém, assim não foi:

O que acontecera com os sonhos tão certos de uma vida melhor? Não eram somente sonhos, eram certezas! Certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera o contato com os seus. E agora, feito morta-viva, vivia. (Evaristo, 2017, p. 30)

A herança do avô vai se fazendo presente, e Ponciá cada vez mais ausente de si mesma, da menina que gostava de ser menina, que gostava. A história de seu avô, o momento em que, segundo o texto, “o desespero venceu”, faz lembrar outra de outra obra-prima: *Amada*, de Toni Morrison. Nessa última, acompanhamos o que uma escravizada fugida é capaz de fazer consigo e com os filhos em um momento de desespero, em que poderiam todos ser capturados como escravos. Nesse momento, “a hora bruta”, a personagem tenta matar seus filhos, tendo sucesso com um deles: “Se eu não tivesse matado, ela teria morrido e isso é uma coisa que eu não ia aguentar que acontecesse com ela” (Morrison, 2007, p. 268).

Voltemos a Ponciá. Ela perdeu sete filhos, quase todos natimortos; alguns sobreviveram no máximo um dia. Pelo que se entende do texto, Ponciá tinha o fator Rh

negativo (Evaristo, 2017, p. 71). E nenhuma assistência médica decente. Quantas Ponciás haverá por aí? Essa mulher, que na infância encontrara no lugar em que se plantavam suas bonecas apenas o vazio, em sua vida adulta, das sementes plantadas em seu ventre, recebe a perda, a morte, o vazio. Ainda assim, essa mulher é tão poesia que a cada gestação sentia desejo de comer estrelas (Evaristo, 2017, p. 57)! Entretanto, diante de uma realidade tão dura, diante de tantas mortes, a consciência prefere acreditar que não quer o que deseja; Ponciá passa a pensar que é “bom mesmo que os filhos tivessem nascido mortos”, afinal, para quê? Em sua meditação, ela se refere ao ato do avô como um ato de coragem-covardia. E conclui:

A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida. (Evaristo, 2017, p. 72)

Ponciá e sua mãe, artistas, artistas do barro, “criações feitas como se as duas quisessem miniaturizar a vida, para que ela coubesse e eternizasse sobre o olhar de todos, em qualquer lugar” (Evaristo, 2017, p. 89); suas obras povoam o povoado e, além disso, é muito bonita a cena em que o irmão de Ponciá, Luandi, encontra-se com as obras da mãe e da irmã em uma exposição.

Sobre seu irmão, algumas palavrinhas. Luandi teve um pai. Um pai de quem, quando criança, escutou coisa bonita, valiosa, coisa que o alimentou, que carregou consigo na andança de quem busca mudar seu destino. Na herança de Luandi estão as belas palavras do pai, palavras que carregou consigo como forma de abordar uma mulher e viver o amor. É que seu pai dizia que as mulheres são como estrelas a iluminar “a noite escura no peito dos homens”; bonito, não? E Luandi, na andança de quem busca mudar seu destino, seguindo a trilha aberta por sua irmã, não tardou a encontrar sua estrela, uma mulher que pudesse iluminar a noite escura em seu peito trágico: “Luandi estava feliz. Sentia-se mais aliviado diante da vida. Na noite escura que ele trazia no peito havia uma estrela-maior, uma estrela-mulher chamada Biliza” (Evaristo, 2017, p. 87). Luandi é irmão de Ponciá Vicêncio, a protagonista desse livro que é pura emoção, que transmite tão bem algo de um passado cujas marcas, por vezes de pura dor, assombro e abismo, ainda se fazem sentir naqueles que dele descendem. Há a singularidade de cada um, diferença absoluta que permite ao sujeito separar-se do Outro, e é isso que uma psicanálise em intensão persegue. Mas há também um passado que nos enlaça e situa em um mesmo universo simbólico. E recordar é arma para não repetir.

Referências bibliográficas

- A beleza ao criar: Conceição Evaristo (2017). Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=J3eU11ffrQI>
- Evaristo, C. (2007). Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In Marcos A. A. (Org.), *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces* (pp. 16-21). Belo Horizonte: Mazza Edições.
- Evaristo, C. (2017). *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas.
- Evaristo, C. (2020). *Ponciá Vicêncio*. Vídeo. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=It-JG6HzD3M>
- Fingermann, D. (2009). O tempo na experiência da psicanálise. *Revista USP*, (81), 58-71. Recuperado de <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i81p58-71>
- Freire, G. (1999). *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Record.
- Freud, S. (1976). *Romances familiares*. São Paulo: Imago. (Edição *standard* das obras completas de Sigmund Freud, 9). (Trabalho original publicado em 1909)
- Freud, S. (2011). *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Guimarães, J. (2018, 20 de novembro). Conceição Evaristo: “Não leiam só minha biografia. Leiam meus textos”. *Brasil de Fato*, São Paulo. Recuperado de <https://www.brasildefato.com.br/2018/11/20/conceicao-evaristo-nao-leiam-so-minha-biografia-leiam-meus-textos>
- Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2003). Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (2010). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1960-1961)
- Machado, Z. (2008). A família está viva! *Stylus: Revista de Psicanálise*, (16). Rio de Janeiro: Associação dos Fóruns do Campo Lacaniano.
- Márquez, G. (1995). *Cem anos de solidão*. Rio de Janeiro: Record.
- Marx, K., & Engels, F. (1998). *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes.
- Morrison, T. (2007). *Amada*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Pollo, V., & Sant’Ana, M. L. R. (2022). As três versões do pai: o parricídio, o nome e o dizer. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 25(1), 82-88. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/1809-44142022001010>
- Souza, N. S. (2021). *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar.

Recebido: 01/06/2023

Aprovado: 15/06/2023